

SOLO

(Enquanto as pessoas entram são servidas mandiocas fritas em uma bandeja)

Ao centro um homem de costas. Está de pernas abertas e do meio delas sai uma grande quantidade de poeira. Enquanto cava, murmura palavras desconexas, sujando seu corpo com a terra. Essa cena se dará durante certo tempo incomodo.

COVEIRO – HUUUUUM... huuuum... (achando algo) Aqui... Aqui... Achei... (limpando e assoprando uma medalhinha) Achei. Meu Santinho (beija a medalha) Meu Santinho...(t) Não se pode perder nada na terra que senão ela pega pra ela e só devolve em dor. É. Terra só é feita pra regar. Se não for com água ela come tudinho. Se a gente perde um pertence. Pff! Tá ferrado. Ela acha que a gente tá se entregando aos pouquinho e chama a gente mais rápido. Inda mais minha medalhinha. Naaam. Essa aqui não... Meu São Lázaro. O único ser vivente - sem contar nosso senhor Jesus Cristo - que venceu a morte. Meu Santinho teve lá do outro lado e voltou pra dizer como era. Mais ninguém voltou. Mais ninguém sabe precisar como é pras bandas de lá. Inda bem...

Se bem que tem hora que eu queria ouvir uns Zé voltando aqui pra dizer como que tá lá do outro lado (ri) Deve de tá numa quentura... (ri)

Ninguém quer saber como é lá. Fica todo mundo com medo. Se agarrando nessas bandas. Um fiozinho de vida que seja. “Enquanto há vida, há esperança.” Porra nenhuma. Tem esperança aqui não. É tudo carne podre. Carne podre caminhando pela terra. (volta para a medalha) Só meu Santinho que escapou. Teve o corpo todinho coberto de chaga e foi purificado pelo Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo. (coloca a medalha em um cordão e começa a tapar o buraco)

Terra come tudo. Tudo que se dá pra ela comer ela come. Mastiga mesmo. Vai engolindo, timentim por timentim. Até transformar. Tem gente que nem percebe. Fica passando de lá pra cá sem nem se dar conta que é aqui ó. Aqui que é o maior tempo que vai morar. (revela lápides)

Cada um desse aqui não se dava conta. Cada um não: Essazinha sabia. Dava pra ver no olho dela que ela sabia que ia chegar mais cedo. Desgraceira. A terra nem tava pronta. Ela não gosta de receber corpo novo, não. Ela chora. Se rasga inteirinha e devolve em flor. Umas florzinha miudiiiiinha. Difícil de arrancar. Vai nascendo e morrendo. Dura nem uma semana. Mas cada um daqui... ah... cada um chegou bem recebido. Tudo de destino tomado.

Tem uns que já vem já encontrar a família. Ó só! Espia: estátua de bronze e o diabo. Sobrenome. Foto dos finado. Parece querer comprar morada melhor só pra invejar os outro morto. Tudo igualzim, que nem todo mundo por dentro. Cheio de pele, de sangue, de órgão. No fim das conta, apodrece tudo e sobra só uns fios de cabelo que ninguém vem buscar.

PASTOR – Se os irmãos abrirem em Gênesis capítulo 3, versículo 19 e acompanharem junto comigo, verão: Deus declarou a Adão: “No suor do seu rosto, comerás o teu pão, até que tornes à terra; porque dela foste tomado; porque és pó e em pó te tornarás.” porquanto é pó e em pó te tornarás”. Exatamente o que Deus quis dizer com a declaração: porque és pó e em pó te tornarás?

Hein? Alguém? Sabe dizer, amado? Ele quis dizer que o corpo do homem, o qual é o pó da terra deve retornar para a terra quando ele morre. Essas palavras têm sido historicamente interpretadas pelos crentes do Velho Testamento, bem como os crentes do Novo Testamento, a crerem que o corpo é para ser enterrado.

Não venha me falar de doação de órgãos... de cremação... Não! Isso é obra do tinoso. Do Capeta que veio pra quê? Hein? Alguém? Essa você sabe, hein amado? Não? Pra roubar matar e destruir. Pra roubar (t) matar (t) e destruir!

O corpo que não volta pra terra, se desgarra do pai e na hora da ressurreição se perde. Deus não encontra os pedacinhos pra ficar colando das cinzas que vão entrar no paraíso. Nããão. É o corpo da terra que é levado pela mão. Quando a trombeta anunciar o dia do juízo, da terra sairá cada catacumba de justo e temente ao Senhor e apenas quem aceitou Jesus como seu legitimo Salvador, será levado a viver na morada eterna. Eu ouvi Amém?

COVEIRO - Tem umas dona cheirosa também. Se deixar o cheiro dos cabelo empesteia o lugar mais do que a podridão dos corpo. (ri) Parece que toma banho de perfume pra atravessar pro além. (revela um cobertor)

Aqui. Sente só! (cheira) Pode sentir. É perfume caro. (t) Que que tem? Era cabelo bom. Tá limpo, besta! Mais limpo que o meu. (t) E não me olha com reprovação que eu não fiz nada de errado, não. Um tanto de gente joga os cabelo fora. Deixa só... só os osso e ainda vende as roupa pra ganhar dinheiro. Eu não. Só tiro os cabelo pra fazer os cobertor. Não gosto de pegar nada dos morto. Não tô aqui pra tirar as roupa deles, pra eles não ficarem zanzando nú por aí. Diz que a roupa que a gente é enterrado é a que vai parar diante de Deus. (ri) Imagine os morto tudo com as vergonha balangando diante de Deus... Essa eu queria ver. Pode me chamar de tudo, menos de ladrão de finado. Hãn-hãn. Isso não. Os cabelo são outra coisa. Se tivessem vivo iam cortar mais dia, menos dia. Eu dou até serventia.

O cheiro do cabelo aquece a noite.

PASTOR – Sepulcros caiados! Tá lá! Hein, irmão?! Tá me acompanhando? Mateus capítulo 23, versículos 27 a 30 “Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Sois semelhantes aos sepulcros caiados: por fora parecem formosos, mas por dentro estão cheios de ossos, de cadáveres e de toda espécie de podridão. Assim também vós: por fora pareceis justos aos olhos dos homens, mas por dentro estais cheios de hipocrisia e de iniquidade. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Edificais sepulcros aos profetas,

adornais os monumentos dos justos e dizeis: Se tivéssemos vivido no tempo de nossos pais, não teríamos manchado nossas mãos como eles no sangue dos profetas...”

COVEIRO - Ninguém morre mais. Se morre não é mais enterrado aqui. Tô achando que o mundo tá ficando é cheio. Tá botando gente pelo ladrão. E dá-lhe a nascer gente... Não sei onde vai colocar esse povo todo. É tanto *mindingo* pela rua. Gente sem ter onde morar..., o que comer.

Eu sempre me pergunto quem foi o primeiro que cercou as terra. Sim, porque se você vai hoje em qualquer lugar... , qualquer cantinho do mundo, já tá tudo ocupado. Vem alguém e te mostra umas escritura. Diz que o lugar tem dono. Quem deu? Alguém que te vendeu. Mas quem vendeu antes? Outro alguém. Que comprou de outro alguém, de outro alguém, de outro alguém... Mas quem foi o primeiro? O que chegou ali, naquele pedaço de chão, colocou uma cerca e disse: é meu! Quem foi que deu esse direito pra esse sujeito, de sair tomando o que era de todo mundo pra virar só coisa dele? Hãn? Tá certo não... Tá certo não. É só andar na rua que se vê. Um tanto de gente que chegou por último na fila. Um pessoal que não foi avisado que tava distribuindo as terra e hoje dorme ao relento. E ainda tem gente que fala dos meu cobertor. É pra eles que vão.

Já dei foi cobertor pra uns aqui. É quase que um acerto de contas. Fica por cada esmola que os morto negaram pra quem tinha fome e assim alivia a dívida lá do outro lado. Um tanto de cabelo com serventia... Cabelo tratado.

Não é bondade, não. É só dividir um tiquim do que a gente tem. Espia, eu? Estragado na vida. Aprendi ofício por sorte. Por coragem. Senão tava era aí sem ter onde morar também. Povo tem medo de mexer com morto. Diz que é agouro. Mas só fui saber disso depois de já mexer com os finado. Os morto chegaram foi pra me dar vida.

Naaam. Ninguém tá morrendo mais. Ou então tá todo mundo cremando. (ri) Todo mundo tendo as cinza jogada no mar. Taí outra coisa que me encasqueta Quem foi que inventou isso... De jogar cinza no mar. Acho que é... é... essas novela que aparece aí. “Quando eu morrer, quero ser cremada”. E os tumulo aqui tudo vazio. Um monte de terra querendo comer e nada de corpo pra chegar. Uma danação isso aí.

MENINA – (Uma música infantil toca saindo de uma caixinha de música enquanto ela pula amarelinha)

GORDA – As pessoas dizem que eu deveria cuidar mais da saúde. Que do jeito que eu como eu morro de infarto antes dos 50 anos.

As pessoas deviam era cuidar mais das suas próprias vidas e parar de se preocupar com o tamanho das minhas ancas.

Sabe o que que é? Mulher com carne incomoda. Algum costureiro com pouco pano definiu o padrão de beleza como osso e desde então a gente tem que afinar pra caber dentro.

Eu nunca me incomodei por ser gorda. Exceto quando eu sudo. Sim, porque nesses dias de calor, acaba acumulando suor nas dobras e eu fico o dia inteiro assada. Daí eu passo maizena pra tirar as assaduras e fico meio esbranquiçada esperando secar. Mas quer saber? Tirando os dias de calor eu vou muito que bem. Acho que essa coisa de viver pra cumprir padrão é pra quem quer se plastificar no espelho. Barriga é sinal de fartura!

Ah, outra coisa que me incomoda é ficar grávida. Sim, porque daí a barriga não é mais minha é de outra pessoa. Eu olho praquilo e não me reconheço. É um treco mexendo aqui dentro que eu nem posso aproveitar. Tô fora! Não dá pra dormir e cada coisa que a gente come parece que não sacia a gente, vai pra coisa que suga tudo, até nossa energia.

A vida oferece tanta coisa boa pra gente, que se a gente não se agarrar num instante, pisca o olho e acabou. Partiu sem experimentar metade do que podia ter aproveitado.

Diz pra mim, tem coisa melhor que comer? Não. Não que eu seja olhuda. Mas hoje em dia as pessoas só mastigam. Comem com tanta pressa que não sentem o prazer da comida descendo pela garganta. Não percebem a saliva lambuzando a língua quando um sabor novo é reconhecido pelo corpo. O gosto que ainda vai ficar por ali, momentos depois de ter terminado todo o prato...

Imagine se eu ia conseguir viver uma vida de modelo e manequim? Vivendo sem experimentar tanto sabor novo por aí... Mulher que se mata pra caber em calça menor que o próprio corpo, tá fazendo teste pra ser infeliz. Nunca vai tá

satisfeita. Eu me satisfaço mesmo é comendo na cama e ouvindo uns discos na vitrola. Eu tô é muito satisfeita. Quem não tiver, azar...

COVEIRO - O povo que tem frescura com os morto. Fala de morte o pessoal se treme, bate na madeira. Tem medo de não sei o que. Pra mim é tudo natural. Nasceu-morreu, pronto! Fica o povo criando história, pensando como vai ser, querendo segurar mais tempo aqui... Naaam... Espera, quando chegar a hora cada um vai saber. Deixa cada um com seu caminho!. Mas vai tu falar uma coisa dessa? Te acham broco, sem fé, ingrato...

Eu fico impressionado de ver como a morte muda as pessoa. É assim em tudo que é canto. Sujeito era um tinhoso em vida. Morre vira santo. Uma porra! Imundice é imundice tanto aqui quanto do lado de lá. E num adianta comprar estatua de bronze pra florear não. A terra justifica. Aqui ó! (começa a retirar umas raízes com a mão) Espia só! É erva daninha. Coisa ruim. Vai dizer que é morto bão? Aqui só tem tinhoso. Inda mais desse lado aqui. (se espanta ao puxar uma raíz maior) Han? Tá crescendo pro lado das minhas plantinhas (começa a retirar com muita raiva algumas raízes do chão) Não! Não! Não! Vai matar minhas mudinhas tudo!

MENDIGO – Ei. Psssiu! Cê tá me vendo? Não? É que eu sou meio invisível. É memu. As pessoas num me vê. Eu passo perto delas e elas me evita. Tem medo de cruzar o olhar e ver que existe gente que se fudeu na vida. Tem medo de olhar pra gente e a gente pedir comida. Joga pra Deus. Hunpf! Deus. Deus

sou eu, aqui. Eu que não me protegesse pra ver se Deus ia fazer alguma coisa... Deus sou eu, rapaz! O único que consegue passar invisível pelas vista dos outro.

Se eu jogar essa capa aqui, então (joga o cobertor) eu viro um invisível que bota medo. As pessoa começa a cruzar pro outro lado da rua.

Se eu pegar umas coisa no lixo é diferente,... as pessoa começa a procurar coisa dentro das bolsa, dos bolso. Finge que tá ocupada. É tiro e queda.

Veza ou outra tem gente com visão de raio x. Daí consegue olhar pra gente e entrega qualquer coisa, mas eu sei que logo depois ali na esquina o olho embaça de novo e vão deixar de ver mais gente feito eu. Não é fácil ser invisível. Leva tempo. Você tem que maturar. É quase como morrer. Você vira um fantasma, só que vivo. A gente pode fazer o que quiser, desde fazer as necessidade até passar mal pela rua. Ninguém vê. A gente vai perdendo cor. Vai perdendo corpo e pum! Deixa de existir. Deixa de ter nome. De ter documento. Vira fumaça.

COVEIRO – Prontinho. Salvei! (t) O quê? Isso é solo bom demais pra ficar vazio. Campo Santo... Mas Santo mesmo porque é fértil. Tem viço. Se a terra não for alimentada ela seca. Essa aqui não. Tá sempre prontinha. Come de tudo. (retira umas raízes) Aqui ó: mandioca. Coisinha sem vergonha essa mandioca. Nasce que é uma belezura. Forte. Capaz de matar a fome de qualquer um. Eu não ia deixar esse tanto de terra apodrecer sem função. Um

cemitério inteirinho vazio? Não pode. Só porque alguém inventou de enterrar os mortos em prédio eu vou deixar esse tanto de terra sem receber mais nada?

Eu sei que botar filho nesse mundo custa caro, mas tu sabe quanto custa enterrar? A coisa tá feia até na hora da morte. Não tem mais coroa de flor, nem carro pro cortejo. Só se leva os corpo num caixão e fecha numa gaveta não sei donde.

E esse tanto de terra parada aqui... Tem é tempo que não dou os pêsame pra alguém. Do jeito que a coisa vai, acho que ninguém tá é sentindo falta de mais ninguém.

Por um lado é até bom que eu nem preciso fingir que tô triste. Era chegar um morto, eu me aprumar todinho pra fazer meu serviço e não poder ficar feliz. Ter que fazer cara de velório. Um tanto de gente chorando do teu lado, uma ladainha que mais parece zumbido de abelha no ouvido. E eu ali, tapando a cova. Devolvendo cada tiquim de terra pra onde tirei. Ah... era bunito demais. Precisava de ver... Parecia cirurgia de dotô formado. Abria, colocava o finado lá e tampava, dava nem pra perceber que tinha aberto. Sem cicatriz. Uma belezura que era...

A terra pede, rapaz! Ela fala com a gente. Precisa engolir, mastigar qualquer coisa. Nem que seja umas raízes de mandioca. E olha! Espia só! Isso aqui é presente. É coisa boa. Diz pra mim se não é uma sorte ter uns pedaços como esse?

Os..., os índio que sabia fazer bem. Isso aqui já alimentou mais de geração.

Agora, eu não! Nunca encostei a boca numa dessas aqui. Ela não me deixou comer. Já falei que não tiro nada dela sem permissão. Quando nasceu a primeira mandioca aqui e fui tentar tirar ela me deu uma corrida de cobra que entendi que aquilo ali não era pra mim.

Parece ruindade mas num é não. Ela me agradece pelo jeito que eu trato dela. Com respeito. Com dignidade. Pedindo dá licença pra colocar a mão nela. Pra dormir mais ela. E ela reconhece. Acha que não? Com esse tanto de espaço vazio. Cinco anos! Cinco anos é o tempo pra guardar os corpo nela. Depois ou a família paga mais ou joga os ossos fora. Assim. Sem nem pedir permissão. E a Terra que tava ali é rasgada. Saqueada, memu. Como se nem tivesse transformado a coisa toda. Se não tivesse tirado a carne e muído o corpo em pó. Ninguém pergunta se pode. Um descaso.

E quem é que liga? Tu vai dizer uma coisa dessa e os outro pensa que tu é doido. Doente. Mas ninguém para pra ouvir o que ela quer. Acha que ela é feita pra pisar. (acarinha a terra) Tem vezes que a terra dá mais carinho pra gente do que colo de mãe.

MENINA – (enquanto uma caixa de música toca ela faz bolas de sabão)

GORDA – É isso mesmo. Cada um ganha o corpo que merece. Gostando ou não a gente vai ter que se contentar e aprender a viver com ele até o último dia. Não adianta ficar mexendo, não. No final a emenda fica pior que o soneto.

É um tal de esticar aqui, puxar ali. Muita ilusão pensar que se pode mudar o que se é. O que a gente mostra aqui fora é o que a gente tem por dentro. Se tem alguma coisa errada tá na raiz.

Quer ver só? Todo mundo fala de amor próprio. Mas quando você tem, te chamam de egoísta. Daí vai você querer agradar os outros e perde o tal do amor próprio. Daí você fica nesse lenga-lenga se amando, amando os outros e a vida passa e haja remédio pra tapear.

Ah, vá a merda! É muito tempo pra eu chegar nesse ponto da minha vida e achar que devo satisfação pra alguém...

Quem falou que a obrigação de mulher é agradar homem? Pior, quem falou que a obrigação de mulher é agradar outra mulher? Essa coisa de alto e baixo, Gordo ou magro só existe porque alguém falou que existia um padrão no meio e dá-lhe gente querendo se enquadrar. Eu tô nem aí. E vou te falar, nunca me faltou homem... (ri confidente) nem mulher... Não que eu tenha sido uma piranha, mas sexo é só isso mesmo. É corpo. Acabou, acabou. Levanta vai embora e PT saudações. Tanta coisa pra me preocupar, eu vou ficar me ligando em romancezinho, em amorzinho. O mundo se acabando lá fora. Dividido por um muro. Uma doença que mata todo mundo que faz sexo e eu vou me preocupar com o tamanho do meu soutien? Eu quero mais é que se exploda.

MENDIGO – A gente não nasce na rua, não. Boa parte de quem tá aqui já teve pai e mãe. Já teve família. Só que a vida é isso memo. Às vezes se tem sorte,

às vezes não. Tem gente de todo tipo por aí, gente que perdeu tudo, que foi expulso de casa, gente doente, gente que sofreu decepção.

Cada um tem seus motivo. A rua recebe todo mundo igual. Apaga as merda do passado. Você esquece quem era antes de chegar aqui. Apaga até os rosto que tinha. Se você encontra alguém que era teu conhecido, capaz de te olhar nos olhos e nem te reconhecer.

A rua te dá uma segunda chance. Com o tanto de preocupação que vai ter pra sobreviver se esquece tudinho e só se lembra se beber. Por isso que eu não bebo mais. Tava amargando as memória. Dava aquela aquecida no frio, mas era um tal de embaralhar a mente de história ruim. Não era bom, não.

PASTOR - Amados... O homem pode até tentar esconder o que é. Mas aos olhos do Senhor, tudo é revelado. Não se pode fugir ao julgamento de Deus e creia, ele é implacável. Ele nos olha no fundo da alma e enxerga nossa essência nossa raíz. “Pois nada há de oculto que não venha a ser revelado, e nada em segredo que não seja trazido à luz do dia. Se alguém tem ouvidos para ouvir, ouça! (t) Se alguém tem ouvidos para ouvir, ouça!” Marcos capítulo 4, versículos 22 a 23

COVEIRO – (sorri durante certo tempo) Um sorriso pode esconder quem você é de verdade. Se você sorri pra alguém durante um tempo, a pessoa vai te devolver também. Mesmo sem te conhecer. (desfaz o sorriso) O difícil é ter que

ensaiar esse sorriso. Passei muitos anos pra ensaiar o meu. Mudar o rosto. Achava que tava perdendo tempo, mas depois percebi que era só uma fantasia só. Tipo bate-bola de carnaval. A gente sorri pra alguém e ninguém percebe o que tá passando dentro de você. Na merma hora as sobancelha arqueia os olho repuxa, e as pessoa vai embora. Nem olha pra tua mão. Num repara no tanto de terra encravada nas tuas unha. Só te dá um sorriso e pronto, ganhou o dia. Depois que se acostuma é natural. Tem um tanto de gente que sabe fazer isso desde pequeno. Eu não. Eu tive que aprender sozinho. Ensaia os sentimento. Quer ver uma coisa, pode parecer engraçado mas eu odeio velório. Não por tristeza não, mas por felicidade. Diz que não pega bem falar muito, comer, beber.

(musica toca enquanto ele roda como se dançasse com alguém)

É nessas horas que as mulher tão mais bonita. Toda frágil, precisando de carinho, tudo arrupiada com os peitinho durinho, embicando nas blusa que esqueceram de escolher direito. Sairam às pressa sem soutien, sem maquilage. Tudo natural. Eu... (envergonhado) eu fico até de troço duro... A vontade que eu tenho é chamar pra dar um rala num canto atrás de um mausoléu... Mas não pode.

(música para bruscamente)

Eu tenho que fingir que tô triste também.

(força o sorriso falso) Meus sentimentos! Vai com Deus!

MENINA – (penteia o cabelo em frente a um espelho imaginário e depois retira os fios de cabelo da escova e os joga no chão)

MENDIGO - Um prato de comida em nome de Deus... Um prato de comida em nome de Deus...

Quando se fala em nome de Deus as pessoa se compadece. Acham que ele tá ouvindo e que é ele que tá pedindo. Ninguém pensa no outro não. É tudo troca. Quem é que vai negar um pedido de Deus?

Mal sabe elas que meu nome é Deus.(ri) É em meu nome que eu tô pedindo. Não se pode falar que tem filho pequeno pra alimentar, que quer comprar remédio, que quer comprar uma graxa pra trabalhar..., não. Tem que ser pra Deus. Porque aí elas acham que vão ficar devendo a ele e que se não der, ele vai castigar jogando todo mundo no inferno. Não tem essa de ter sido bom ou mal, se não der esmola vai todo mundo direto pro inferno. (ri)

O ser humano é muito besta, isso que sim. Todo mundo acha que vai ser lembrado pelo que fez. Que depois de morrer um gesto teu vai ficar gravado na memória de alguém. Coisa nenhuma. A gente esquece no dia seguinte da bondade que fizeram pra gente. Ruindade, não. Ruindade é diferente. Leva mais tempo pra esquecer. E se for ruindade das grandes a gente pode até parar de viver. Daí pra frente passa a vida toda tentando dar um jeito de esquecer ou de se vingar. Todo mundo esquece que isso aqui tudo acaba. E quando acabar, acabou. Se esquece que é carne. Fica cum nojo do próprio corpo. Das merda, das urina, das unha. Dá de esconder dos outro o que é

nosso. Tem vergonha de feder, de suar. (grita) A gente é tudo carne! Carne que vai morrer, porra!

Não tem salvação pra ninguém, não. Nem do lado de cá, nem do lado de lá. Vai todo mundo acabar um dia.

Um prato de comida em nome de Deus... (pega um prato de mandioca e come)
Gradicado! Deus te dê em dobro!

GORDA - Tá certo que vez ou outra dá merda. Que nem agora. Da primeira vez eu ainda era nova. Ainda acreditava nessa coisa de amor. Fudi escondido, do meu pai. Cresci sem mãe. Papai dizia que ela tinha fugido. O moleque tinha cara de anjo. Me pegou de pé e depois passava por mim e fingia que não me via. Virava a cara. Coroinha, hein?! Eu ia comungar na fila que ele tava, só pra olhar bem pra cara dele. Esquecia de dizer o amém só pra ele ter que falar por mim. Tinha vergonha de mim.

Quando descobriu, meu pai me deu uma surra de cinto, me deixou em carne-viva. Não foi ruindade, não. Acho que papai não batia bem. Vez ou outra ele tinha umas crises dessa. Acho que mamãe fugiu por isso. Ele deu de beber...

Quando a barriga começou a crescer eu inocente achei que fosse por comida, fui descobrir, era criança. Quis tirar, foi meu pai que não deixou. Meus peitos incharam e eu não aguentava sentir o cheiro de nada. Papai me escondeu em casa, ninguém podia saber. Quando nasceu ele pegou a coisa de mim e deu pra alguém.

Eu chorei tanto naquele dia. Mas tanto... Choro de felicidade, sabe? Percebi que meu pai se preocupava comigo de verdade. Que ele resolveria qualquer problema meu. Qualquer coisa que desse errado. Dali em diante eu nunca mais tive que me preocupar. Papai resolvia meus problemas. Se minha barriga começasse a crescer e não fosse comida, papai resolvia em nove meses.

A vida passa muito rápido. Por isso que eu aproveito ao máximo, mesmo. Se a gente não cuida da gente, ninguém mais vai cuidar.

PASTOR - Filhos, obedçam a seus pais no Senhor, pois isso é justo. "Honra teu pai e tua mãe" - este é o primeiro mandamento com promessa - "para que tudo te corra bem e tenhas longa vida sobre a terra". Pais, não irrite seus filhos; antes criem-nos segundo a instrução e o conselho do Senhor. Efésios, 6 3-4. E mais adiante em Colossenses 3, 20: Filhos, obedçam a seus pais em tudo, pois isso agrada ao Senhor. Não sou eu quem te diz! É Deus! Vem aqui, vem! Obedece teu pai.

COVEIRO – (rega a terra) Eu nem queria que isso acontecesse. Foi acidente. Juro. Mas como eu ia adivinhar? Eu achava que minha missão na vida era uma e no final era outra. Foi a Terra que me mostrou. Ela que me deu os caminhos. Logo eu que nunca acreditei que fosse importante. Fui esquecido desde pequeno. Não tenho história, não. A minha história começa aqui.

Eu achei que fosse um cara bom. Acho que todo mundo que é ruim, um dia acha que era um cara bom. E nem foi por causa de culpa não. Esse negócio de

culpa não é pra mim. É apenas por erro. Saber que a gente faz uma coisa sem querer. Como eu ia saber que tem tipo diferente de mandioca? Pra mim mandioca era só mandioca. Pode ser macaxeira, aipim, o que for... Mas é só mandioca! Mas não. Tem mandioca mansa e mandioca brava. A mansa é vermelhinha. Parece até que sangra antes da carne. Tem uma casquinha em cima que é só limpar a terra e ver a pele depois. Agora a brava... Ishiii... Essa é que é o cão.

Os índio já sabia. Mandioca brava é veneno. Boa parte dela chama ácido, é... cumé quié...? É... cian-cianeto. Conhece? Também num conhecia, não. Conversei com um dotô de Solo que veio enterrar o avô. Foi ele que me contou tudo sobre mandioca brava. Sabe que ele falou? Que teve um tempo que uns galego quiseram matar uns judeus lá no outro canto do mundo e usava esse ácido dentro de uma sala com gás. Gás que saía daqui, ó!

Galego esperto esses (ri) Morte bem pensada. Vindo da terra. Tem um ritual aí pra tirar o veneno. Tem que lavar bastante. Cozinhar até se esgarçar... É esse ácido que não deixa o povo respirar e mata.

MENDIGO – (se asfixia e morre)

GORDA – Mentira deslavada dizer que toda mulher nasce pra ser mãe. Eu não. Quer coisa mais sem sentido essa coisa de maternidade? Um pedaço do teu corpo começa a crescer dentro de você como se fosse um tumor. Daí durante um tempo, tudo que você come vai alimentando esse tumor. Você

começa a enjoar, a ficar cansada, a perder o sono. Tudo por um pedaço de carne que depois que nasce você ainda vai ter que sustentar por toda a vida. Tá doido! Não nasci pra isso, não. Mas vez ou outra acaba acontecendo... Quem que pensa nessas coisas na hora da trepada? Essa última foi tão boa, que quando acabou eu tinha certeza que tinha ficado barriga. Dito e feito!

Mas dessa vez não tinha mais papai. Fui eu que tive que correr atrás de despachar a criança. Me lembro daquele dia como se fosse hoje. Procurei logo um cidadão direito que quisesse criar e meti o pé. Foi nesse dia que eu experimentei pela primeira vez um profiterole.

Alguém aqui já comeu um profiterole? Sabe o que é? Tô falando de um profiterole bem feito, não esses borrachudos com pão de ló. São aqueles com chantilly, feitos entre duas carolinas... Sabe qual é? Você mistura o leite e a água e leva ao fogo numa panela grande até ferver. Daí você abaixa o fogo e coloca a manteiga até que ela derreta. Coloca uma pitadinha de sal e penera a farinha. Enquanto isso deixa o fogo desligado e vai misturando até que a massa fica homogênea e começa a soltar da panela. Coloca numa travessa de vidro redonda até que a massa esfrie e junta os ovos um a um, misturando bem. Daí você pré-aqueçe o forno, unta uma assadeira. com um bico de confeitiro de aproximadamente 1 centímetro, e vai fazendo pequenas "bolas" na assadeira de aproximadamente 4 a 5 centímetros. Prestenção pra deixar espaço suficiente para que não grudem umas nas outras enquanto estiverem assando. Aí você leva ao forno por cerca 15 a 20 minutos ou até que as carolinas dourem. Depois você deixa a porta levemente aberta pra esfriar. Daí você abre as carolinas ao meio e recheia com uma bola pequena de sorvete de creme. Cobre com a calda de chocolate quente e

pronto! Taí teu profiterole. Nunca vou me esquecer desse dia... Nunca mais comi um profiterole igual.

COVEIRO – Foi assim que descobri minha serventia! Eu mato as coisas! Isso mermo. Eu mato as coisas. Não tem gente que dá vida? As parteira, os dotô? Eu sou o avesso! Sou o contrário, mermo! Acho que é porque sou meio estragado por dentro. Achei que devia de ter arrependimento e dó pelas pessoas que eu mato mas não tenho, não. Do princípio começa que nem acidente. Mas depois se toma gosto.

Como é que eu ia adivinhar que tinha plantado mandioca brava? Eu queria encontrar uma serventia pra esse tanto de terra parada. Ela me pedia, implorava pra eu dar comida pra ela. Plantei umas mudinha, que eu podia jurar que era boa. Pode ter sido até ela que transformou as muda. Querendo corpo. Querendo carne. Ela me fez dar de comer pra um pobre diabo que vivia por aqui. Matei por erro, mas não me arrependo, não. Depois da primeira, vira vício. Você quer repetir toda hora. Saber qual a sensação de ver a vida saindo de dentro de alguém. Os zóio se fechando. Sabe? A pupila de dentro se arregaçando todinha e perdendo a cor... Ah, não dá pra explicar a sensação, não... É de perder o controle. Cada hora cê quer mais! E mais! E mais!

No final, você tinha que ver como a terra ficou feliz depois que trouxe o defunto pra cá. Tinha uma cova seca. Sem planta, sem nada. Foi jogar o corpo do finado ali pra ela mastigar tudinho e florir. Parecia agradecer pelo alimento. Me devolveu umas mandiocas enormes. Dava gosto de ver. Cada bitelão que

enchia um punho. Fiz um favor pra todo mundo. O diabo descansou. Se não fosse por mim, podia ser atropelado ou até judiarem dele. Fiz um favor pra ele

Acho que a morte já tava no meu sangue já. Vai ver que foi por isso que minha mãe me jogou fora. Ela deve de ter entendido que eu tinha vindo avariado e me despachou com medo. E eu passei uma vida todinha escondendo o interesse quando via um cachorro atropelado. A vontade que tinha de sentir a quentura do sangue enquanto o bicho agonizava na pista. Queria saber como as pessoa era por dentro. Os encaixe dos osso. Saber onde nascia as unha. Vai você falar isso? Te chamam de doente, psicopata. Pode não. Tem que desenhar casa com árvore. Família feliz.

MENINA – (pula corda e canta) Um homem bateu em minha porta. E eu abri. Senhoras e senhoras, ponha a mão no chão. Senhoras e senhores pule num pé só. Senhoras e senhores, dê uma rodadinha e vá pro olho da rua...

MENDIGO – Tá vendo aqui, onde diz: Elizabeth Ferreira Menezes, honrada mãe, filha e esposa? Então. É aqui que eu tô enterrado. Consegui meu primeiro pedaço de terra e o nome que tem nele nem é o meu. Ou vai ver que sou ela, já que não me lembro mais do meu nome. Acho que eu sou Elizabeth Ferreira Menezes. Se bem que me lembro de sempre mijar de pé. Não. Eu fui é desovado numa cova dos outros, sem ninguém nem vir chorar por mim. A gente foge, mas sempre acha que alguém vai aparecer no teu leito de morte. Eu lembro que cheguei a ter família um dia, mas faz tanto tempo que a cabeça até embaralha. Acho que a memória desse lado chega hora que se apaga. Um

dia saí de casa e esqueci de propósito como voltava. Fiquei pela rua, tomei gosto e resolvi morar em qualquer lugar. Foi até bom. Eu fazia mais mal que bem pra minha família. Acho que em algum ponto meu sangue se azedou. Pelo menos na rua eu não azedava a vida de ninguém. Deixei eles se acertar.

No fim das contas mudou pouca coisa. Fiquei de vez invisível e ainda me livrei da fome. Ficou elas por elas.

COVEIRO – (pega uma tábua de carne uma faca e começa a picar beterraba)

Depois do primeiro morto tu se acostuma. Se ela tivesse me ensinado mais cedo eu já teria era um milhão de gente aqui. Mas não. Ela quis me ensinar aos pouquinhos. Por acaso. E depois que tu pega gosto vira esporte. Primeiro acabei com os gatos daqui com a mandioca. Depois vi o tanto de mendigo passando frio no inverno, e pensei: mesmo que eu dê um cobertor pra cada um deles ainda vai ter a fome no fim das contas. Resolvi fazer uma sopa pra eles. Acabei com a miséria no bairro. Mas aí eu percebi que minha missão era limpar a sociedade de gente que não prestava. Eu tinha o lugar perfeito. Um tanto de cova vazia só esperando os morto. E mais um tanto de morto caminhando pelo mundo só esperando as covas. Foi aí que eu entendi qual era a minha incumbência nessa vida. Só que pra isso, eu tinha que plantar muita mandioca e esperar nascer aquele tanto de plantinha. Naaam. Ia tomar muito tempo. (amassa a beterraba com as mãos)

Dizem que isso é sangue frio. Nada. Todo mundo por dentro tem sangue quente. Mas num é uma quentura qualquer não. Tem um ponto certo pros órgão continuar a bater. Se você abre bem você ainda consegue ver o

movimento dos órgão se arregaçando, uns até espirra em você (ri) Assim tipo chafariz mermo. Tem uns que tão meio carcumido. Gente que fuma muito... ihhh! Tudo estragado por dentro. Mas tem uns que tem uns órgão novinho. Gente que nem se dá conta do tesouro que tem. E as tripa? Rapaz, tem umas tripa boa pra fazer corda, que só tu vendo! Mais de metro. Grossa mermo. Tudo aquilo vira casa de minhoca. Elas passeia igual túnel (ri)

PASTOR – Vem com o papai, vem! Não foge não... Eu sou teu pai, o Varão de Deus na tua vida. É a vontade do Senhor. Assim como Abraão, pai de uma multidão. (pega a menina imaginária, abre suas pernas, abre o zíper e a toma a força) Eu hei de construir minha casa sobre a rocha. Onde as intempéries do mal não vão encontrar abrigo. O Senhor é meu pastor e nada me faltará...

GORDA – Dei a menina sim. O que que tem? Não me arrependo. No final, acho que ela ficou bem melhor do que eu. O homem era um pastor da igreja. Viúvo. Sem filhos. Quando bateu o olho na barriga veio me perguntando quem era o pai. Respondi que podia ser ele, se quisesse. Ele titubeou. Pensou e aceitou. Disse que ia ter herdeiros. Me encheu de mimo durante o fim da gravidez. Eu podia ligar pra ele quando quisesse. Podia dizer que tava com desejo de doce de compota que era capaz dele ir a Minas Gerais só pra comprar. Eu passei foi bem por aqueles tempos... Depois o danado desapareceu com a criança. Não deixou nem uma caixa de bombom. Pra mim foi até melhor. Depois disso fiquei esperta. Essa coisa de gravidez mexe com a

gente. Muito hormônio no corpo. A gente fica sensível. Com uns pensamentos estranhos...

MENINA – (Grita)

MENDIGO – Eu nem sei dizer do que eu morri. Também nem tenho certeza que tô morto. A única diferença é que antes eu era invisível e via as pessoas. Agora as pessoas também passaram a ser invisível pra mim. É tudo igual. Com a diferença que aqui tem mais paz. Não tem aquela zuada de barulho da rua. Não tem que dormir de olho aberto com medo de alguém judiar da gente. Não tem que ter vergonha do que os outros vão pensar...

O negócio é que a tal da culpa vem atrás da gente, num sabe? Eu achava que com o tempo melhorava, mas não.

Meu pai sempre me disse, que honra de homem se lava com sangue. Foi nessa que matei a mãe dos meus fio e enterrei no quintal. Vai ver que é por isso que mereci ser enterrado nessa cova da Elizabeth. Ou era isso, ou deixar a mulé me meter os cornos. Ela deu de virar crente. Frequentava um culto não sei de que. Fui descobrir, tava prenha do pastor. Ela jurava de pé junto que o fio era meu. Mas eu sabia que ela tava mentindo. Dei tanto soco naquela barriga pra ver se ela abortava, mas o menino era forte. Filho de pastor deve ter algum poder, né? Salvaram a criança que o pai resolveu cuidar. A mulé só durou mais uns dias. Me deixou sozinho com uma fia pra criar. Meu pai teria

orgulho de mim. Minha mãe eu também não conheci. Meu pai dizia que tinha fugido.

Achei que ia encontrar eles por aqui. Não encontrei ninguém.

Eu só acredito que tô morto porque tô melhor que antes. Viver é bem pior pra quem sempre teve morto.

COVEIRO – Acontece assim: primeiro você escolhe quem vai matar. Não pode ser no impulso senão perde o prazer da coisa. Se ficar nervoso perde o ritual. E com o passar do tempo o ritual mais ficando mais sofisticado. Você vai fazendo com mais gosto.

Eu comecei a espreitar as pessoas pela rua. Eu observava, estudava os hábitos... Olhava bem no fundo do olho de cada um e descobria se prestava ou não. Sabe a história de cara de anjo? É mentira. A cara pode esconder candura, mas os olhos revelam a alma. Se você se atentar bem e encarar alguém no fundo da pupila, você consegue saber se a pessoa presta ou não presta. O problema é quando você começa a ver que ninguém presta.

(revela um vestido) Essa menina chegou toda estrupiada. Foi enterrada às pressas. Achei estranho. Só o pai veio enterrar. Disse que foi uma tal de uma febre. Nem encomendou velório. Parecia apressado. Me deu um dinheiro e disse pra eu tomar as providências. Me pagou mais pelo segredo. Colocou a menina na minha mão e foi-se embora. Eu já tinha espreitado ele antes. Ele costumava andar com ela de mão dada. Não deixava a menina falar com ninguém. Só podia brincar sozinha. Um dia eu tava tirando umas folhas que

tinham caído da amendoeira e percebi que ela tava parada me olhando. Parecia querer dizer alguma coisa, eu acenei pra ela e ela retribuiu. O pai veio correndo pegou ela no colo e levou ela pra longe. Passou um tempo e a menina veio pra cá. Acho que ela tava pedindo pra eu preparar a cama dela.

PASTOR – Não tem anjo. Não tem túnel de ouro. Não vi Jesus, nem fui julgado por nada. Eu sei... Eu sei que eu disse que tinha tudo isso do lado de cá. Mas não tem. Se tem não foi pra mim. Só tem a culpa. Queria o que? Foi mais forte do que eu. Eu me agarrei a palavra crendo na minha salvação, mas aquela mulher me deu nas mãos o convite pro pecado. Eu juro que eu tentei fugir. Já nem olhava pra criança nenhuma na rua. Tinha enrolado meu pau num elástico e vasado pelo bolso pra toda vez que eu me excitasse puxasse o elástico e sentisse dor.

Foi mais forte do que eu! Eu sabia... Sabia que tinha vindo de uma raiz ruim. Meu pai foi um bom homem. Temente a Deus, me tirou das mãos de um maluco que matou a esposa por ciúmes e quase tirou minha vida. Ele dizia que só a igreja podia me salvar. Que eu era amaldiçoado desde o nascimento. Que eu tinha que me pegar com a palavra pra afastar as trevas do meu coração.

Ah... Mas ela era tão bonitinha. Tão pura... Tinha que ver como ela me olhava. Me chamava de papai. Dormia no meu braço. Chupava meu dedinho achando que era peito. Eu me controlei, juro! Fiquei sete anos pra fazer o que fiz, mas não consegui. Ela parecia pedir. Vinha só de calcinha e meia dormir na minha cama. Dizia que queria casar comigo quando crescesse. Ela confiava em mim. E eu confiava nela. Foi... foi um acidente. Eu juro. Eu achei que ela ia gostar.

Mas eu não ia conseguir conviver com aqueles olhinhos de reprovação. Eu tava gostando, mas ela parecia decepcionada.

Que putinha! Me acendeu e depois não queria mais... Eu não devia ter aceito ficar com ela. Sabia que cairia em tentação...

Ela dizia, para papai! Tá doendo! Para, papai! Começou a chorar alto. Alguém podia ouvir... Tive que tapar a boca dela com força. Não dava mais pra voltar atrás. O estrago tava feito.

COVEIRO – Eu tava de butuca num doido que tinha aleijado um garoto depois de beber e sair dirigindo. Eu tinha seguido o infeliz por duas semanas. Ele ia de bar em bar. Tomava todas e saía arregaçado. Por duas vezes até paguei umas doses pra ele. Achei que ia conseguir regar a terra com o sangue dele naquela noite, mas o diabo foi mais rápido. Ele levantou, pegou o carro e se atirou contra um poste.

O maldito me poupou o trabalho, mas me roubou duas semanas. Eu fiquei tão triste, que só queria voltar pro bar pra beber. Foi lá que eu vi o pastorzinho que tinha me dado a menina.

(pega um moedor de carne e começa a moer) Rapaz, o peito parecia que ia estourar. Tive que me segurar pra não ir falar com ele. Ele tava tomando uma. Acho que pra esquecer a maleita! Mas ele tinha uns órgão tão bonito. Tudo novinho. Devia de tá bebendo pela primeira vez na vida, porque fazia careta a cada talagada.

Fiquei esperto. Não deixei ele se estragar muito, não. E dessa vez eu não ia deixar que ele se matasse antes de mim. Esperei ele sair cambaleando. Peguei o irmão pelo braço e ele já tava feito pluma. Joguei na Kombi e parti pro Cemitério.

Quando acordou e viu onde tava, o finado deu de chorar e pedir perdão a Deus. Ah, tinha que ver o estalo do coco rachando. Foi uma pá na cabeça que dividiu em dois. Ela entrou até o queixo! No meio o sangue fazia uma poça e escorria que nem cachoeira (ri) Parecia suco!

A terra aplaudia! Dava pra ouvir o sussurro pedindo pra lamber aquele sangue. Não deixei o corpo cair pra frente, não... Segurei firme, só pra ir pingando sangue pelo caminho. Pra adubar. Arrastei até a cova da menina. Enfiei uma vara no meio do pinto do sujeito e fui vento a vara pegar fogo até incendiar a carne. Saía um cheiro de podre. Não era podre de carne, não. Era podre de alma. Arranquei o pinto do maldito dei pros gambá comer. O solo que tinha a santinha não podia carregar aquela desgraça.

Depois deitei o corpo no chão e tapei. Tá pra debaixo das erva daninha.

GORDA – Então. Não é que todo mundo tinha razão. Eu acabei não chegando aos 50 anos. Tô enterrada aqui em tudo quanto é lugar. Meu corpo tava tão pesado que o diabo que me carregou teve que me cortar e foi me distribuindo por entre as covas. Enfim acabei pesando menos de sessenta kilos (ri) Como eu morri? Pela boca, né?

Nãããã, eu odeio mandioca. Jamais comeria essa merda. Um dia eu tava atravessando a rua vindo do mercado e um rapaz se ofereceu pra carregar minha sacola. Eu não tô muito acostumada a gentilezas, mas o rapaz lembrava meu pai. Achei divertido voltar a pensar no meu pai naquele momento. Fazia tempo que ele tinha desaparecido. Achei engraçado a coincidência daquele sujeito ser o único em tanto tempo a me oferecer uma ajuda. Sabe? A querer cuidar de mim.

A coisa toda foi assim, um belo dia meu pai saiu de casa e eu fiquei sozinha no mundo. Saiu dizendo que ia colocar a cabeça no lugar. Depois de dois dias fui ver nas coisas dele, tinha sumido só um cobertor. Foi assim que meu pai foi embora. Nem olhou pra trás. Ele não batia muito bem das ideias, mas eu gostava dele. Quando pequena, ele me contava as histórias da família dele. Sempre acabava em morte. Se eu ficasse com medo ele jogava o cobertor sobre a gente e dizia que assim a gente ficava invisível. Eu acreditava...

Vai ver que foi isso que aconteceu com ele. Eu até andei procurando meu pai pela rua. Vendo se ele tava dormindo ao relento ou alguma coisa assim. Depois cansei. Vai ver que aquele sujeito foi mandado pelo meu pai.

O danado me levou em casa e quando fui dar uma gorjeta ele enfiou um funil na minha boca e me jogou um líquido que começou a me corroer por dentro.

COVEIRO – Ácido sulfúrico! Pra que esperar as mudinha crescer se eu posso ter ácido a hora que quiser. Foi assim que eu persegui e matei aquela gorda. (ri) Ela nem esperava isso de mim. Naquela semana eu tinha ido atrás do crackudo que roubou uma velha, do policial que pedia dinheiro aqui na porta

pra tomar conta do bairro, do vereador que veio prometer passar o asfalto... Quando vi, tava com a agenda cheia. Era gente demais pra ser limpa do mundo. Eu tinha que transformar isso aqui num lugar melhor, mas tava acabando as opções. E as mandiocas.

Foi assim que eu vi a gorda que trocava de fila. Ela me irritava só de olhar. Ela ia no supermercado e ficava trocando de fila toda hora. Cada fila que andasse mais rápido ela escolhia e trocava. Era ela que fazia a fila andar mais devagar. Mas aquela foi a última vez que ela fez isso. Abri a garganta dela e vi o desespero dos olhos dela escorrendo pelas lágrimas enquanto o ácido corroía todos os órgãos internos (ri) Você tinha que ver o barulho que fazia. Parecia sorrisal na água. (imita) Shhhhhhhhh!!! Era tudo carcomendo a maldita. Enquanto aquela tonelada de banha caía nos meus braços (ri) Aquele dia a terra ficou feliz.

Quando eu piquei o corpo dela distribuí, ela começou a se arreganhar e chupar que nem criança com sorvete. Ela saiu pingando gordura e açúcar por todo esse pedaço aqui. Eu mergulhava as mãos nos intestinos e esticava igual massa de modelar. Dava pra ouvir os dentes da terra mastigando e arrotando. Tudo aqui debaixo da gente. Um pedaço pra cada lado. Quando cheguei nos útero dela, me senti meio herói. Impedi alguma pessoa de nascer dali. Mas e se por acaso alguém já tivesse saído dali? (t) Tem nada não... Se for preciso, eu cuido de quem vier. Com essas mão aqui, cheia de terra. Ou com essas mandioca.

GORDA – Se eu me arrependo? Claro que não. A vida é isso aí. Passa rápido demais. A morte, não. É a única coisa que fica. Que vai durar antes e depois da vida. Meu pai, por exemplo, a essa altura também deve estar morto. Assim como minha mãe e todas as crianças que saíram daqui. De vez em quando eu penso nelas. Penso no que foi que o destino fez com elas.

Meu pai achava que elas não iam dar em coisa boa. Preferiu sair espalhando por aí. Me lembro do primeiro. Aquele do coroinha. Acho que não foi fácil pro meu pai entregar o menino, não. Me lembro que ele carregava uma medalhinha no pescoço. Um São Lázaro. Dizia que era o único, fora Nosso Senhor Jesus Cristo, que tinha vencido a morte.

Me lembro do meu pai acariciando o peito. Eu achei que foi minha mãe com essa mania de ser crente que tinha sumido com a medalha. Tempos depois, descobri que meu pai tinha deixado com o menino. Meu pai não batia bem da cabeça...

COVEIRO – (cava) No fim. É isso mermo. A gente chega aqui sozinho e vai sair sozinho. Ninguém leva ninguém, nem nossas histórias. Tudo que é nosso, vai pra debaixo do SOLO.

(poeira enquanto o coveiro cava e ri senil. luz em resistência)

FIM